

O NEVEIRO

Boletim Informativo do Rancho Folclórico Neveiros do Coentral
Nº 11- V Série – Julho, Agosto e Setembro de 2002

As férias já lá vão, ***“O Neveiro”***

voltou, e queremos agradecer a:

Ana Filipa Antunes
Andreia Simões
Isaura Baeta
Jorge Bento
Manuel Fernandes Miranda
Olga Almeida

...e claro, à malta cá da casa!

Instale-se confortavelmente e...

Boa leitura!

Enfie o barrete e mantenha-se actualizado e em:

www.oneveiro.web.pt

Sede:

CIRUC – Centro de Instrução e Recreio União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral

Ficha Técnica — *O Neveiro*

Este Jornal é “propriedade” do:

Rancho Folclórico Neveiros do Coentral

Sede:

CIRUC – Centro de Instrução e Recreio
União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral

Delegação em Lisboa e morada para a correspondência:

Casa do Concelho de Castanheira de Pera
Rua Alves Torgo nº37
Telefone e Fax : 218 461 864
1000-032 Lisboa

Cá em casa, somos:

Emílio Miranda
Helder Machado
Jorge Humberto Almeida
Manuela Machado
Paulo Miranda

Também apareceram por cá:

Ana Filipa Antunes
Andreia Simões
Isaura Baeta
Jorge Bento
Manuel Fernandes Miranda
Olga Almeida
Susana Henriques (Fotografias)

Sugestões, críticas ou artigos que gostaria de ver publicados, também pode fazê-lo para os seguintes endereços:

emilio.miranda@mail.telepac.pt

macshade@clix.pt

jobealmeida@ono.com

paulo.miranda@solvay.com

www.oneveiro.web.pt

NOTA DA REDACÇÃO: TODAS AS OPINIÕES EXPRESSAS NOS ARTIGOS PUBLICADOS EM “O NEVEIRO”, SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES.

Editorial

Sacrifício, Sofrimento & Tanga são palavras que têm sido utilizadas frequentemente pelos nossos actuais governantes, nestes últimos tempos.

Entre nós, entre Neveiros salva-se a Tanga mas do Sacrifício e do Sofrimento parece que não nos livramos...

E desculpem que vos diga, mas ambos os termos parecem-me desajustados, criam uma certa angustia quanto a mim desnecessária e além disso, descaracterizam tudo aquilo que nos une.

Não é por nada, mas parece-me que o nosso folclore não pode, nem deve, conviver com realidades e expressões desta natureza.

A melhor resposta a tudo isto tem sido dada com alguma alegria e espontaneidade, no decorrer das ultimas actuações, onde a entrada efectiva de alguns novos elementos, tem sido quanto a mim, fundamental.

Ora, mas para que seja possível atrair, manter e solidificar novos elementos neste nosso grupo, não podemos partir de uma base com esses aspectos.

Fácil não é, todos o sabemos mas a gente nova, deverá ser quanto a mim, a grande, e principal aposta de forma a podermos continuar alegremente outros trinta anos.

Aqui n’O Neveiro cá continuamos e, salvo algumas surpresas e as colaborações habituais, temos de escrever, teclar e puxar pela cabeça para que uma vez por outra, possamos vos apresentar umas coisitas, mais ou menos engraçadas, imaginativas que ultrapassem o trivial e vulgar “chouriço”.

De resto, e como sempre, nunca se esqueçam, mas nunca se esqueçam mesmo que tudo isto..
...é só um balanço!

Emílio Miranda

Sede:

CIRUC – Centro de Instrução e Recreio União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral

VALE DE CAMBRA, a arte de bem receber!

No passado dia 29 de Junho, o destino foi o norte do país, mais concretamente o Concelho de Vale de Cambra, freguesia de S. Pedro de Castelões, para participar no **II Festival Internacional de Folclore**, integrado na X Semana Cultural das Festas da Freguesia.

Nele participaram sete grupos vindos de vários pontos do país, tais como:

- ✂ Grupo Folclórico e Etnográfico de S. Pedro de Castelões – Vale de Cambra
- ✂ Rancho Folclórico Neveiros do Coentral – Castanheira de Pêra
- ✂ Rancho Folclórico S. Pedro do Souto – Arcos de Valdevez
- ✂ Academia de Danças e Cantares do Norte de Portugal - Foz do Douro - Porto
- ✂ Rancho Folclórico as Vindimadeiras de Mamarrosa – Oliveira do Bairro
- ✂ Conjunto Etnográfico de Moldes Danças e Corais Arouquenses – Arouca
- ✂ Grupo Folclórico Oinarin Dantza Taldea – Galdakao – Bizkaia – Espanha

De S. Pedro de Castelões trazemos a lembrança duma terra muito hospitaleira, linda, com habitações embrulhadas no predominante verde dos arvoredos, da agricultura e da serra.

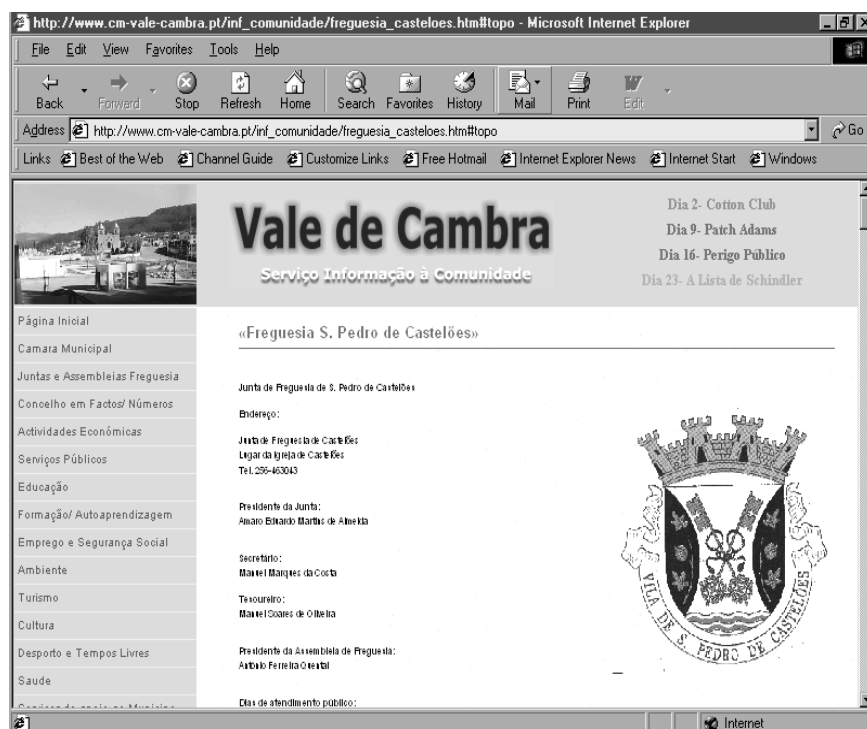
A recepção dos grupos foi feita junto à Câmara Municipal, seguindo-se um desfile até perto do local onde os Ranchos se iam exhibir.

O Grupo da casa, que sempre nos acompanhou desde o primeiro até ao último momento, mostrou que muito bem sabe receber os seus visitantes.

Os Neveiros do Coentral com uma apresentação cuidada, apresentou as suas músicas, danças, cantares e trajes, com rigor, autenticidade, graça e beleza, recebendo em troca do vasto público, o carinho que nos fez sentir bem.

Digna de guardar no nosso álbum de boas memórias.

- ✂ Boa organização
- ✂ São camaradagem
- ✂ Óptimas iguarias



Lugar simpático onde gostaríamos de voltar.

Chegados ao Coentral já de madrugada, mas às 15,30 h de domingo, lá regressávamos a Lisboa com o mesmo sorriso com que tínhamos iniciado a viagem no dia anterior.

Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance, para recebermos o melhor possível, o Grupo Folclórico e Etnográfico de S. Pedro de Castelões – Vale de Cambra, no dia 15 de Agosto de 2002.

Felizes pelos bons momentos que sabemos viver quando estamos juntos, e também pela força que tem a amizade que une os **Neveiros do Coentral**.

A Direcção
2002-07-25

Sede:

CIRUC – Centro de Instrução e Recreio União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral

OS OUTROS NEVEIROS



Como muitas leitoras e leitores sabem, os Neveiros não existiram apenas no Coentral!! Também na Serra do Montejunto houve uns “frescos” que se dedicaram a essa dura profissão.

É a esses Outros Neveiros Desconhecidos que este escrito se refere.

Saiba Toda a Verdade sobre a Real Fábrica de Gelo do Montejunto!!

De acordo com arquivos existentes na Câmara Municipal de Lisboa, a construção desta fábrica terá decorrido aproximadamente entre 1740 e 1748.

O empreendimento visava reduzir a constante escassez de gelo na Casa Real e nas lojas da capital.

A localização escolhida, na Serra do Montejunto, apresentava grandes vantagens sobre o outro fornecedor, a aldeia do Coentral (ia jurar que já ouvi este nome!), situada na extremidade sul da Serra da Estrela, dado que esta ultima se encontrava a apenas 40 km de Lisboa.

A sua curta distancia até ao Tejo (via de acesso privilegiado a Lisboa) foi também vista como uma vantagem considerável.

A fábrica considerava duas zonas distintas: a zona de produção e a zona de armazenamento de gelo.

Na primeira encontram-se ainda 2 poços, uma nora, um tanque de entrada e 44 tanques de congelação.

A segunda zona, com o edifício de armazenamento, inclui 2 silos para gelo, diferentes em dimensões e formatos, uma tremonha de descarga e um compartimento amplo onde o gelo era cortado em blocos e preparado para expedição.

A edificação apresenta-se ao estilo do século XVIII, com um arco de entrada em pórtico, sobre o qual se encontra uma lápide com a data de construção e, sobre esta, um nicho usado para abrigo de uma estátua de Santo António das Neves, santo da devoção de Julião Pereira de Castro.

O complexo inicial, que tem vindo a ser conhecido através das escavações arqueológicas diversas (IPPAR, Câmara Municipal do Cadaval, Espéleo Clube de Torres Vedras, Esquadra 11 da Força Aérea Portuguesa, Instituto Florestal, IPJ), era ainda recente quando em 1782 se tornou propriedade do Neveiro Real Julião Pereira de Castro, como indicado na lápide já referida, que reza:



“Esta fábrica com as suas pertenças comprou e reedificou Julião Pereira de Castro [Capitão de Malta, Reposteiro e Neveiro da Casa Real] no último de Janeiro de 1782”.

Até hoje nada foi encontrado que mostre terem existido mudanças no complexo após a morte do Neveiro Martinho Bartolomeu Rodrigues, em 1881, ele próprio neto de Julião Pereira de Castro.

Sede:

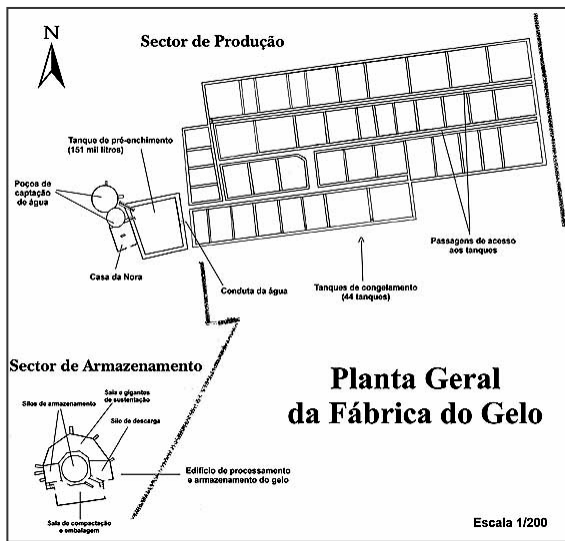
CIRUC – Centro de Instrução e Recreio União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral

Isto de acordo com um documento existente sobre o assunto, encontrado e traduzido pelo Dr. Herlânder Machado, num estudo sobre Neveiros e poços da neve do Coentral.

Na realidade apenas uma parte deste complexo é conhecida, não sendo claro se de facto existiram outros tanques de congelação (como mencionado por alguns locais cujos antepassados teriam trabalhado na faina da neve) no local onde a Esquadra 11 da FAP construiu as suas instalações, na década de 1950.

Tudo o que se sabe sobre a forma como a fábrica teria funcionado baseia-se na tradição oral, transmitida de pais para filhos, e que ainda hoje se pode escutar junto de descendentes dos que nela trabalharam até ao século XIX.

A partir do final de Setembro, desde que temperatura o permitia, eram cheios os tanques de congelação.



O processo iniciava-se com a trasfega da água dos poços para um tanque de entrada, que tinha exactamente a capacidade dos 44 tanques de congelação.

Esta operação era feita durante o dia; à noite a válvula no fundo do tanque de entrada era aberta, dando passagem ao líquido que ia então encher todos os tanques. Durante a noite, se a temperatura baixasse o suficiente, gerar-se-ia o gelo.

Detectando estas condições, o vigilante da fábrica deslocava-se a cavalo desde Pragança (aldeia a cerca de 5 km), acordava os trabalhadores com a sua trompa e, antes do nascer do sol, o gelo era partido, transportado

para os silos e compactado, ficando aí aproximadamente até Abril ou Maio seguinte.

Nessa altura da primavera, dependendo da procura existente em Lisboa, o gelo era retirado dos silos, moldado em blocos e, protegido por palha, serapilheira ou burel, para melhor se conservar durante o transporte.

O material era então carregado por burros ou mulas que faziam a descida da serra até ao sopé, onde era transferido para carroças que o traziam até ao Carregado.

Aí apanhava o último transporte, o barco, descendo o Tejo, trazia o gelo até Lisboa, onde era entregue nas lojas e na Casa Real.

Toda esta operação não duraria mais de 7 a 8 horas!

Este artigo é baseado no estudo «Royal Ice-Works of Montejunto – A precious portuguese monument» da autoria de Emanuel Carvalho, do Espéleo Clube de Torres Vedras. www.teia.pt/ectv/ice.html

Ao confeccioná-lo ocorreu-me a ideia (deve ser do adiantado da hora) de que seria interessante o rancho fazer um passeio ao Montejunto e, de certa forma, descobrir o outro lado dos Neveiros.

Aqui fica a ideia!
Paulo MIRANDA

Grupo Etnográfico de S. Pedro de Castelões

Foi com tristeza e alguma admiração que deparei com a notícia publicada no Diário de Notícias, e que junto em anexo.

Conheci o Sr. Amaro de Almeida, presidente do Grupo Etnográfico de S. Pedro de Castelões, no dia 15 de Agosto, quando da presença do Grupo nas Festas do Coentral.

Pessoa de trato afável, sereno e simpático. Ninguém suspeitaria que por detrás desta serenidade, estava um homem triste e revoltado.

Durante o internamento, mantive contacto com a Junta de Freguesia, da qual também era presidente, para me inteirar do seu estado de saúde.

A luta contra a morte durante pouco mais de 8 dias, foi em vão, pelo que acabou por falecer no passado dia 18 de Setembro.

Em nome dos Neveiros do Coentral, mandei por fax, as devidas condolências à família.

Ficará por responder à pergunta... "Que razão tão forte teria para pôr termo à vida?"

TRAGÉDIA

Olga Almeida

Autarca baleado na cabeça encontra-se em estado crítico

Secretário da junta afasta hipótese de homicídio

■ O presidente da Junta de Freguesia de Castelões, Vale de Cambra, encontra-se em estado crítico no Hospital de Santo António, Porto, com uma bala alojada na cabeça. Amaro Almeida, 61 anos, reeleito pelo PSD, foi encontrado ontem de manhã debruçado sobre a sua secretária, na autarquia, gravemente ferido, tendo ao seu lado quatro cartas endereçadas aos filhos, à junta de freguesia, ao rancho folclórico a que presidia e ao prior.

As missivas foram apreendidas pela GNR, que não revelou o seu teor. Mas, contactado pelo nosso jornal, o secretário da junta de freguesia, Manuel Marques da Costa, afastou qualquer indício de crime, opinando tratar-se de um acto voluntário.

Ainda de acordo com a mesma fonte, por algumas vezes Amaro Almeida desabafara: «Qualquer dia dou um tiro e largo isto.» No entanto, mantinha um excelente relacionamento com a população, ultimando o processo de desvinculação do cargo de chefe de armazém para se dedicar a tempo inteiro à actividade da junta de freguesia.

Os primeiros exames médicos no Hospital de S. João da Madeira indicam que o disparo o atingiu no lado esquerdo da cabeça. Devido ao seu estado crítico, seria transferido para o Porto, onde os médicos tentaram, ontem, retirar o projectil. Amaro Almeida encontrava-se fechado no gabinete, pelo que o secretário e funcionários tiveram de arrombar a porta.

DN - 11.09.2002

Sapateira em festa.

Organizado pelo Rancho Folclórico União Recreativa Sapateirense, decorreu no passado dia 21 de Julho, um Festival de Folclore, fazendo parte dele em primeiro lugar o Grupo da casa com a apresentação dos seus novos trajés, agora a rigor. Gostei. Seguiram-se os grupos:

☞ Grupo de Danças e Cantares Recordar é Viver - S.M.Gândara/Oliveira de Azeméis

☞ Rancho Folclórico Neveiros do Coentral

☞ Rancho Folclórico da Casa do Povo de Salvaterra de Magos

☞ Rancho Folclórico Flores do Alva – Sarzedo/Arganil

☞ Rancho Folclórico da Casa da Cultura e Recreio de Vila Facaia

Encerramento foi com a organista Marília.

É sempre bom estar naquela enorme sala de visitas, à sombra de frondosas carvalhas, onde há sempre lugar para todos.

Desta vez o Festival era no nosso Concelho, tinha um sabor especial, um clima familiar, na hora de mais uma apresentação, lá estão todos, sentados ou de pé, à sombra ou ao sol.

Os Neveiros fizeram algumas estreias, entre elas a Viviane de 8 anos, se a avó materna a visse dançar, tenho a certeza que viveria momentos de grande emoção.

No final todos fomos presenteados com um jantar de confraternização, com deliciosos petiscos e onde o prato principal era a amizade permanente. Em todos os momentos o senti.

Entretanto, e quase sem dar por isso, era noite, hora de partida para Lisboa. Um braço acenando, um beijo para o ar, uma despedida rápida para todos. Mas, agora através deste escrito, para vós Grupo Sapateirense, pela organização do festival, pelo vosso espectáculo, pelo tratamento que recebemos, parabéns e aqui fica o nosso abraço fraterno do Rancho Folclórico Neveiros do Coentral.

Isaura Baeta

Sede:

CIRUC – Centro de Instrução e Recreio União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral



O Coentral e a sua riqueza!!

Coentral és tão rico
Que as pessoas nem se lembram
Dessa riqueza em casa ter
É a água esse liquido precioso
Que todos podemos beber
Mesmo sem sede ter
Ela é necessária para tudo o que nasce
E sem ela não consegue viver
Não devemos deixar sujar as ribeiras
E a todo o custo as devemos defender
Porque sem água limpa
A humanidade não consegue sobreviver

Coentral és tão rico
Tens uma riqueza incalculável
Tens água em todos os locais
É um bem indispensável

Coentral és tão rico
Nas tuas ribeiras a água é limpa e pura
Até dá gosto ouvi-la cantar
Á sua volta é só verdura
Não a devemos deixar estragar

Coentral és tão rico
Nas tuas ribeiras se pode tomar banho
Que não há nenhuma poluição
Nas suas margens só há arvoredos
E muita vegetação

Coentral és tão rico
Quem te visita fica encantado
Com tuas belezas naturais
E não encontra muitas aldeias
Com tantas paisagens iguais

Manuel Fernandes Miranda



Rossio, nove e meia da manhã de mais uma chata segunda-feira!

Devido a um atraso imprevisto, decido ir de táxi para o emprego. Por vezes acontece... paciência!

– ***Bom dia! É para a rua da Venezuela em Benfica!!!***

Estava uma manhã luminosa de Agosto, a maioria da população Lisboaeta está nas suas de férias de Verão, e a “corrida” é bem mais rápida do que noutra qualquer época do ano.

Ainda meio a dormir, e com um sentimento de desconforto enorme (adivinhem lá porquê!) procuro ficar melhor instalado e apercebo-me da presença de um molho de folhas de papel dentro de uma vulgar pasta plástica ali mesmo ao meu lado.

Em outra circunstância informaria de imediato o motorista daquele achado mas, aquele título na capa fez-me agir de forma diferente...

Impresso numa letra bem grande, podia ler-se: Pura Ficção e, ao reparar em mais algumas outras anotações, entendi estar na presença de um guião para cinema, teatro, novela... telenovela (baaahhhh!!!), naquele momento percebi que, alguém que anteriormente tinha andado naquele táxi, tinha deixado lá, esquecido.

Como gosto de ler, pousei de lado o jornal de todos os dias e com alguma curiosidade aproveitei esta hipótese para olhar para aquilo durante a viagem até ao trabalho. Não me arrependi... espero que vocês também não...

Pura Ficção...

– ***Primavera/Verão (Cena 1)***

“Bem sentado, ficava ali parado a observar para sempre, todo aquele luminoso e quente azul.

Ao fundo, para lá do horizonte uma imensa bruma, mais a meio um grande barco, de grande calado, parado ...tal como eu!

Começava então a ficar montado o cenário onde tudo estaria perfeito, inevitavelmente teria de ser algo forte e explosivo, assim do género...

...meio da tarde, de um tórrido Julho qualquer, o local embora não sendo o mais importante, passaria certamente bem de perto de uma qualquer recente esplanada ribeirinha, ainda não muito decadente, mas também não estupidamente entupida pelas habituais multidões, musica... essa, também não era o mais importante, seria praticamente inaudível.

O azul do Tejo servia perfeitamente para pano de fundo, recortado entre as mesas e cadeiras com alguns chapéus abertos devido à forte luminosidade do sol, alguém para atender e responder aos pedidos também não era importante.

...e Eu..., lá estava sentado quando então Ela chegava..., ou antes pelo contrário, eu é que chegava atrasado e ela já lá estava.

E estava linda..., luminosa..., parecia sorrir! O contacto, esse, é que tinha de ser inesquecível, mesmo depois de tantas conversas dirigia-me meio a gaguejar para ela, e ela incrédula olhava para mim, ...e zás, o contacto quente dos nossos lábios tinha de ter qualquer coisa de fulminante, tipo ataque cardíaco e, obviamente que eu tombava redondo para o lado, não morto, apenas feliz.



Longamente, olhavamo-nos nos olhos, olhava-a, sorriamos e saíamos para lá de todo este nosso tempo, tateando-nos mutuamente, estendia as mãos e tomava-a nos meus braços, sorria e bebia-lhe os lábios... doces, sufregamente, para depois lhe acariciar os fortes cabelos, selvagens... e duvido que naquele momento, conseguisse fazer mais alguma coisa... Alias não sei se queria fazer mais alguma coisa..., não!, tenho a certeza, nada mais interessava..."

"taradara taradara taradara tarada ra ra!"

"taradara taradara taradara tarada ra ra!"

"taradara taradara taradara tarada ra ra!"

Porra!, Malditos telemóveis, quem será a esta hora? pensei eu!

É sempre assim, habitualmente ninguém me liga e logo agora no meio de uma história destas surge a treta de uma chamada...

Que afinal não era nada, com o simples engano de uma tecla, alguém lá do outro lado andava à procura, nem percebi de quem, mas de mim não era!

– Outono / Inverno (Cena 2)

"Esta cena, por ser invernosa, supostamente "piava" um pouco mais fino, pois senão reparem, a época do ano implicava um pouco mais de roupa..."

O elemento água permanecia inalterável, só que, desta vez, tinha como pano de fundo a cidade do Porto. Manhã fria de Novembro, cheia de sol de Inverno mas agora com o Douro a passar à minha frente, numa qualquer esplanada de Gaia, perto da perpendicular rua Cândido dos Reis (por exemplo). É mesmo por ali que esta história ganha pernas.

Deste local, o Porto, embora cinzento, fica grandiosamente bonito e tudo assim fica possível! É claro que, Ela volta a surgir do nada, só que desta vez, Eu já estava lá mesmo. Não me atrasei e toda a cena repete-se... como anteriormente...

A Ribeira e alguns Rabelos vinhateiros que passam são as únicas testemunhas!

Poderia ainda falar-vos daquele pequeno almoço inesquecível, mas... cada um imagine o que quiser, por vezes as palavras limitam e complicam a nossa capacidade de explicar aquilo que realmente queremos,mas é sempre assim...

Mas essa parte ficará para outras cenas num outro episódio, talvez mesmo num outro filme...!

...completamente acordado pensei, na realidade, todo este enredo é uma das muitas e várias histórias que vão vagueando dentro de algumas das nossas cabeças, já todos as vimos em outros filmes, já passámos por elas ou noutros casos perseguimo-las ao longo de toda a nossa vida, escolha a sua visão e...!

– São quinhentos escudos! disse-me o motorista do táxi.

Na época, imperava ainda o nosso Escudo, e foi assim que voltei à realidade.

Sem dar por isso, já estava à porta do Círculo.

Ia assim começar mais um dia de trabalho! De uma chata segunda-feira, em Agosto...

Mas não tão aborrecida como as outras..., afinal, aquela era a última semana de trabalho antes de ir de férias!! ...Adivinhem para onde!

Emílio Miranda



Entrevista com: *RAMIRO SIMÕES*

“O Neveiro” lançou o desafio e a Andreia Simões foi a primeira a aceitá-lo. Mais convites foram feitos e esperamos publicá-los em próximas edições. Vejam aqui o resultado duma conversa entre duas gerações da mesma família que fazem parte do Rancho.

Tem a palavra a Andreia.

Já em fim de férias e numa manhã de Domingo, bem chuvosa por sinal, fui “apanhar” o meu avô e “roubei-lhe” alguns minutos para fazer esta entrevista relacionada com a sua vivência no nosso Rancho! Foi uma conversa bastante animada, com muito boas recordações e carregada de emoção, apesar da paisagem cinzenta que envolvia o Coentral.

Dêem então uma olhadela para que fiquem a conhecer as melhores recordações que o “Ti Ramiro” ainda guarda de todos estes anos.



Andreia - Quando entrou para o Rancho?

-Entrei para o Rancho na fundação, há...38 anos. Pois...eu entrei logo de princípio.

Andreia - Como aconteceu esta entrada?

- Bom...Fui convidado em reunião e entrei para o Rancho como os outros. Houve uma reunião e eu aceitei, é claro, e entrei para o Rancho. Pois...foi assim.

Andreia - Qual foi a opinião da avó?

(Responde muito satisfeito, com um sorriso na cara). -Oh, isso ficou encantada da vida. Naquele tempo, é claro...

Avó Suzete - (disse muito satisfeita também). -Ah, eu não me importei nada! Quando o Rancho ia a qualquer lado era uma paródia.

Andreia - Onde tinham os ensaios naquela altura?

-Era no Intendente, na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos. Pois...lá é que tinha que ser sempre. Era a única casa em Lisboa que estava mais próxima de nós. Depois da Casa da Castanheira estar concluída é que fomos para lá.

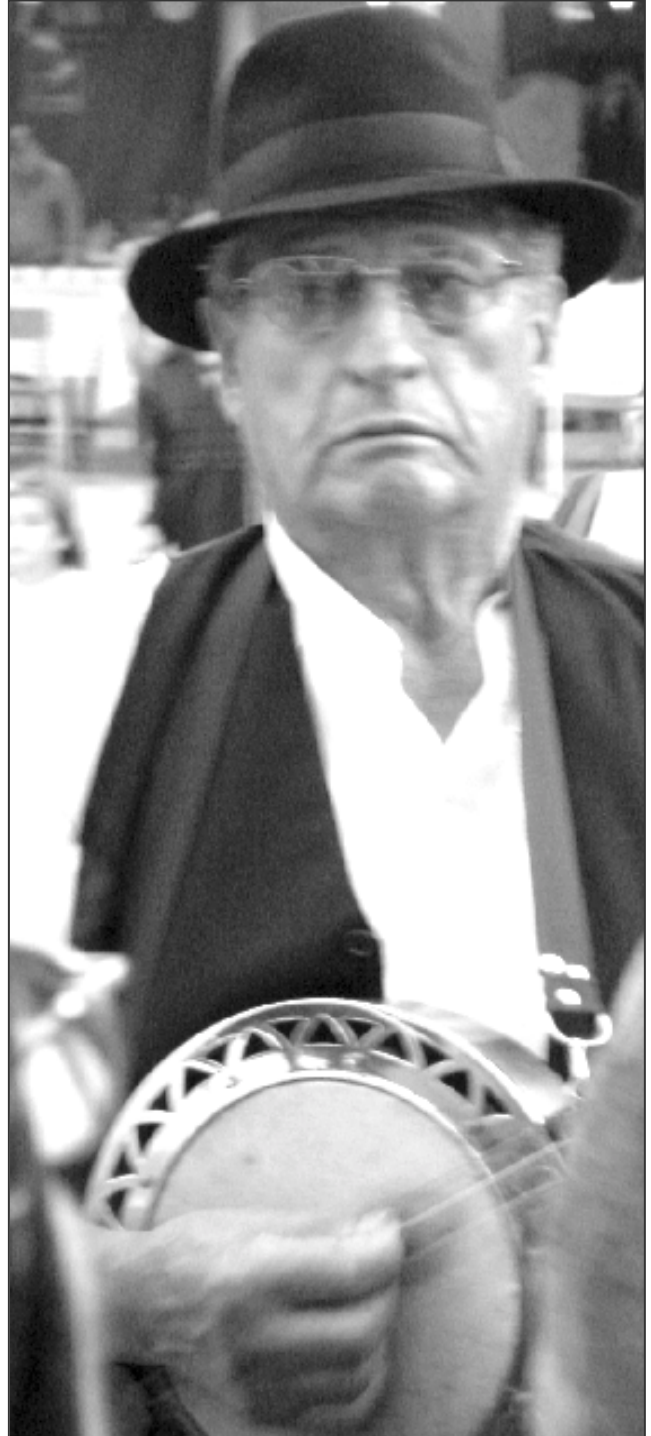
...Quando começámos a falar dos velhos tempos, a emoção começou a crescer...

Andreia - Tiveram muitos ensaios antes da primeira actuação?

-Com certeza, naquela altura tinha de haver alguns ensaios. Ainda mais, éramos praticantes e precisávamos de ensaiar mais.

Andreia - Lembra-se de alguma coisa engraçada que tenha acontecido nas primeiras actuações?

-Oh, filha já foi há tantos anos! Das actuações não tenho grandes memórias...Houve actuações muito boas, naquele tempo nós gostávamos muito daquilo.(mostra um ar pensativo...mas não se consegue recordar de nenhum episódio engraçado.)



☺ *Neveiro* ☺

Esta é a página que poderá, e deverá ser, uma “Tribuna” onde todos, mas mesmo todos, poderão aplaudir, lançar ideias, reclamar, sobre tudo o que quiserem.

Por vezes, tanto nos ensaios como nas próprias actuações, falamos e ouvimos falar sobre situações de que gostamos e não gostamos. Todas essas opiniões poderão ser partilhadas de uma forma clara aqui, sempre que tal se justifique.

A primeira participação é da nossa colaboradora veterana, **Isaura Baeta**. Ora façam favor:

Sugestão

“Entre as várias brincadeiras que eu escrevo para “O Neveiro”, desta vez o meu escrito volta-se para uma sugestão que me parece poderia ser útil para o nosso rancho.

Pelas mais variadas razões de suas vidas, o nosso rancho sofreu o afastamento temporário, ou não, de pessoas que nos fazem muita falta e, viu-se a olho nu que os nossos responsáveis se viram à nora para que certas actuações se realizassem.

Ora bem, então algum esforço foi e está a ser feito para que novos elementos entrem para junto de nós. Esse trabalho está a ter sucesso mas implica ao mesmo tempo o dobro ou triplo, não sei, para as nossas ensaiadoras.

Faz tempo que penso que as coisas não devem chegar ao limite das forças de cada um e, se houver entreaajuda, as coisas tornam-se mais suaves e os resultados mais rápidos (escusado será dizer que o nome do Rancho precisa ser mantido lá em cima).

E a minha sugestão ia para mais um elemento a ajudar as nossas ensaiadoras nesta tarefa que se avizinha, na próxima época de ensaios. Entre as pessoas que se destacam com garra para ajudar em tal tarefa eu apetecia-me mandar com um nome para a frente, estamos em família e acho que vou fazê-lo.

Pois é caro Fernando, era em você que eu estava a pensar.

Pedia á nossa direcção e ensaiadoras para que analisem este assunto.

Peço desculpa se me adiantei demais, a intenção não é meter o nariz, mas sim colaborar, analiso, parece-me que os resultados seriam positivos a breve prazo.

Desculpe caro Fernando Costa, se não lhe parece bem o que escrevi, mas é o escrito de uma pessoa que por vezes se baralha entre o papel de Neveira e espectadora.”

Um beijo para todos,

Isaura Baeta





Não é todos o dias que se fazem vinte e dois anos e se tem a oportunidade de ir com grande parte da família e amigos ao teatro...

Foi, de facto, uma noite diferente das outras noites de aniversário, já que no lugar do habitual jantar de família ou de amigos, tive a oportunidade de ir antes ver o espectáculo da Amália.

Todos nós vivemos numa verdadeira correria com muitas coisas para fazer, muitas solicitações e pouca disponibilidade, principalmente num dia de semana mas, por incrível que pareça, foram poucos os que disseram que não.

Penso que foi uma noite bonita e, que apesar de chuvosa, fez algo de quase milagroso: conseguiu reunir aproximadamente 45 Neveiros e amigos numa mesma sala de espectáculos.

No final, acho que todos saímos satisfeitos: foi um musical comovente que pôs a nu a vida de uma figura mediática muito amada pelo público.

Agora só nos resta repetir a experiência, escolher um outro espectáculo (de preferência menos visto do que este, para que todos possam aceitar o convite), comprar os bilhetes e ir, pois são estas pequenas lufadas de ar fresco que desanuviavam os nossos dias e fazem com que nos vejamos todos com mais frequência.

17-09-2002

Ana Filipa Antunes

O membro da direcção Sr. Joaquim Antunes (o das anedotas!), junto da nossa *Klaque* de apoio privativa (Nota da redacção).

Marialva / Meda

Festas em honra de Nossa Senhora dos Remédios, tendo por padroeiro S. Tiago. Foi neste local que no dia 16 de Agosto, depois de percorrermos umas centenas de quilómetros num dia de calor, chegámos para a dita actuação.

A viagem foi óptima, cheia de boa disposição, onde não faltou a alegria dos nossos jovens, que cantavam afinadinhos em coro as músicas das suas preferências, e para intervalar, as anedotas do nosso amigo Joaquim Antunes, como só ele as sabe contar.

Gostei de conhecer esta Vila, com o seu castelo, sua história, suas tradições, e onde existe um público que aprecia folclore.

No final, a costumeira hora de confraternizar com aquelas pessoas, que tão bem nos receberam.

Por volta das 3H da manhã, foi a chegada ao Coentral, ainda com a pedalada e alegria que caracteriza os Neveiros do Coentral.

2002-09-07

Isaura Baeta



Mudança de instalações do Núcleo Museológico **“ A CASA DO NEVEIRO “** **Coentral**

Em tempo, o Dr. Herlânder Machado, fundador do *Rancho Folclórico Neveiros do Coentral*, sonhou criar um espaço destinado a preservar o seu historial.

Esse sonho tornou-se realidade no dia 9 de Junho de 1996, com a instalação do seu espólio, ainda que, num espaço exíguo, no CIRUC, cedido pelo Alberto Simões, na altura, presidente desta colectividade.

Acontece, porém, que os Neveiros do Coentral, conjugando o trabalho de pesquisa no terreno e o querer fazer mais, pretendiam levar por diante, um projecto mais vasto. Esse projecto, consistia em fazer associar e integrar no historial dos Neveiros do Coentral, todo um manancial de objectos, utensílios caseiros, agrícolas, artesanais, etc. que representassem os usos e costumes das nossas gentes homenageando,

também, os nossos antepassados.

E foi assim que, numa breve semana antes da Festa em honra de Nossa Senhora da Nazaré no Coentral em 14 e 15 de Agosto passado, a nova Direcção dos Neveiros do Coentral, recentemente eleita, e com o auxílio da sempre estreita e salutar colaboração de mais alguns

“Neveiros”, concebeu e concretizou um renovado e mais alargado Núcleo Museológico. Com efeito, para além da exposição do historial dos Neveiros do Coentral, que é simplesmente brilhante, a criatividade patente na tentativa de aproximação a uma casa local dos nossos antepassados, aproveitando ainda, para recriarem a 1ª Escola Feminina instalada em 1913 no então Centro Escolar Democrático União Coentralense, hoje CIRUC, é a meus olhos, absolutamente, irresistível.

Acresce dizer, que todo este trabalho só foi possível em termos logísticos, devido à pronta



cedência, de uma zona inaproveitada, do edifício da Junta de Freguesia do Coentral, por parte do seu presidente, Sr. Pedro Graça.

Valeu a pena, a azáfama, atendendo aos inúmeros visitantes que acorreram àquele espaço e, sobretudo pelos não menos testemunhos de elogio, apreço e agradecimento por parte de conterrâneos e amigos sensibilizados com o que acabavam de presenciar e contemplar.

Resulta, daqui, que as ofertas, empréstimos, doações de objectos, utensílios – os mais variados e estimativos – não param de chegar.

Sei que a actual Direcção dos Neveiros do Coentral, está deveras empenhada, em melhorar, valorizar e preservar toda esta vertente museológica e dotá-la de instrumentos

–



Vêm aí os Alemães!... Vêm aí os Alemães!...

Era mais um dia de Verão de Agosto de 2002.

Estava uma tarde soalheira. Daquelas tardes do Coentral, que em nada diferia de outras tardes.

Uns estavam no Centro a jogar à Sueca, outros estavam no banco do Vidoiro a conversar. Os mais miúdos andavam a fazer acrobáticas travagens nas suas bicicletas ou tinham ido para a piscina ou para o Poio. Do café saíam os sons das conversas dos seus frequentadores e cá fora, encostados à parede, outros conversavam à sombra fugindo do impiedoso sol de Agosto. Era, sem dúvida, mais um dia normal de férias, igual a tantos outros.

De repente o Ti Manel, que tinha passado o seu dia a fazer mais um delicioso Arroz Doce, sai da sede da Junta de Freguesia muito aflito a dizer sem parar: -Venham, venham depressa que estão ali uns estrangeiros e ninguém percebe o que eles querem.

Veio-nos logo à memória os tempos idos de 1810 em que um rapazito espavorido gritava sem parar: “-Vêm aí os Franceses!... Vêm aí os Franceses!...” e em que o povo do Coentral fugiu para as Quelhas a conselho do Ti Regedor.

Ao contrário dos exércitos de Napoleão, estes estrangeiros eram muito inferiores em número (apenas quatro), vinham em paz e o caso não era para alarmes: Dois casais de germânicos que tinham montado o seu Quartel-General na Figueira da Foz e que resolveram fazer uma incursão pela serra da Lousã. Apesar da pouca divulgação turística do nosso Concelho eles, quase duzentos anos depois dos Franceses, chegaram ao Coentral.

Como descobriram a nossa terra nunca chegámos a saber, mas lá que quatro alemães estavam de armas e bagagens no Museu do Rancho, isso estavam.

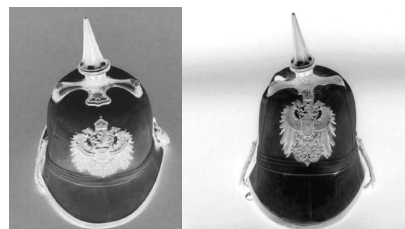
Quando entrámos estava a Ti Licas muito desenvolta, mas com aquela sensação de impotência de quem tenta mas não consegue, a desdobrar-se em gestos para explicar aos turistas a história dos Neveiros.

Mas eles, apesar de todas as dificuldades de comunicação, estavam muito atentos a beber a nossa história, a deliciarem-se com o retrato do dia a dia dos nossos antepassados que o Museu transmite e com um brilho nos olhos ao ouvir a história do ofício dos Neveiros.

Finalmente, apareceu quem falasse uma língua mais próxima da deles e a comunicação fez-se de forma mais efectiva. E quando lhes dissémos que os Poços da Neve ainda existem, no cimo da Serra, no Cabeço do Pereiro, logo quiseram saber como se podia ir até lá.

Após uma passagem pelo café, talvez para comer um gelado que, ao contrário de outrora, é importado, lá foram os nossos amigos Alemães visitar a Capela de Santo António da Neve e os Poços de onde antigamente saía a Neve para fazer os gelados que o Rei comia.

Os miúdos continuavam a gastar os calços das suas bicicletas, os mais velhos já tinham pousado as cartas deixando a promessa da desforra para o dia seguinte, os ocupantes do banco no Vidoiro já tinham regressado a casa e o sol abrasador daquela tarde de Agosto já se estava esconder por detrás da Serra.



Estes estrangeiros não ficaram tanto tempo como os anteriores e o dia no Coentral, ao contrário do que aconteceu tantos anos atrás, acabou como começou. Sem sobressaltos, sem alterações e sem alarmes.

E no regresso a casa, até foi possível, comer sem medo, as papas de milho ou o bife com batatas fritas.

Helder Machado Barata

